

Diana de Cadaval

*Palácios e
Casas Senhoriais
de Portugal*

Ilustrações de Fernanda Lamelas

a esfera  dos livros

15 Casa de Penalva, Baião	
Vinhas Aromáticas	61
16 Casa da Prelada, Porto	
Nobre paisagem	63
17 Casa do Dr. Domingos Barbosa, Porto	
Vocação literária	67
18 Palacete dos Viscondes de Balsemão, Porto	
Ilustre Hospedaria.. .. .	69
19 Palácio da Bolsa, Porto	
Uma joia neoclássica	71
20 Palácio das Sereias, Porto	
Fortuna e Fado	77
21 Palácio do Freixo, Porto	
O Barroco Renascido	79
22 Casa da Ínsua, Penalva do Castelo	
Ecoss exóticos no Dão	85
23 Palácio dos Condes de Anadia, Mangualde	
Barroco na Beira	91
24 Palácio do Buçaco, Buçaco	
Um conto de fadas neomanuelino	95
25 Casa Sotto Maior, Condeixa-a-Nova	
Uma joia entre pomares	101
26 Quinta da Brôa, Golegã	
Pura Raça Lusitana	103
27 Quinta da Cardiga, Golegã	
Um palácio-fortaleza no Ribatejo	107
28 Quinta de Alorna, Almeirim	
Um Paço de Luzes.. .. .	109
29 Herdade de Muge, Muge	
Esplendor Cadaval	115
30 Quinta do Correio-Mor, Loures	
Um Palácio em Ascensão	119
31 Quinta do Molha-Pão, Belas	
Uma herança italiana	123

32	Palácio de Monserrate, Sintra	
	Esplendor oriental.. .. .	127
33	Palácio da Pena, Sintra	
	Uma pérola sobre os rochedos	131
34	Palácio de Seteais, Sintra	
	Charme Neoclássico	137
35	Palácio da Vila, Sintra	
	Cinco séculos de história	141
36	Quinta da Bela Vista, Sintra; Quinta da Capela, Sintra; Quinta da Piedade, Sintra	
	Três joias Cadaval.. .. .	147
37	Quinta da Regaleira, Sintra	
	Uma Ópera Esculpida	153
38	Quinta dos Ribafrias, Sintra	
	Um sopro de Renascença	157
39	Quinta de São Sebastião, Sintra	
	Formosura Clássica	159
40	Palácio dos Condes de Castro Guimarães, Cascais	
	Excentricidade na Enseada	163
41	Forte da Cruz, Estoril	
	Uma fortaleza romântica	169
42	Quinta de Manique, Alcabideche	
	Um fausto simples.. .. .	173
43	Palácio dos Marqueses de Pombal, Oeiras	
	Sem Rival	175
44	Palácio dos Arcos, Paço d’Arcos	
	Uma varanda para a Índia.. .. .	179
45	Palácio de Queluz, Queluz	
	O Versailles português?	181
46	Palácio da Ajuda, Lisboa	
	De Pedra e Cal	185
47	Palácio das Necessidades, Lisboa	
	Da tragédia à esperança	193

48 Palácio de Santos, Lisboa	
Um tesouro bem guardado	199
49 Palácio da Palhavã, Lisboa	
Fausto e História	205
50 Palácio dos Condes de Pombeiro, Lisboa	
Beleza Sóbria.. .. .	209
51 Palácio Foz, Lisboa	
Elegância <i>fin-de-siècle</i>	213
52 Palácio Fronteira, Lisboa	
Alma Renascentista	217
53 Quinta dos Azulejos, Lumiar	
Um jardim para um rei	225
54 Casa de Calhariz, Sesimbra	
Campestre majestoso.. .. .	229
55 Quinta da Bacalhôa, Azeitão	
Espírito renascentista	235
56 Quinta das Torres, Azeitão	
Um gosto renascentista	241
57 Quinta de Nossa Senhora do Carmo, Estremoz	
Um segredo bem guardado	243
58 Paço dos Duques de Bragança, Vila Viçosa	
Um Palácio Europeu no Alentejo	245
59 Convento de São Paulo, Redondo	
Um museu vivo	253
60 Palácio Cadaval, Évora	
Coração Cadaval	255
61 Casa de Água de Peixes, Alvito	
Um fresco Alentejo	261
62 Palácio de Estói, Faro	
Uma pérola entre pomares	263
Mapa de Portugal	267
Bibliografia	275

*À minha Mãe, a Duquesa de Cadaval, que com paixão, coragem,
determinação e espírito empreendedor, deu seguimento à recuperação
iniciada pelo meu Pai, o 10.º Duque de Cadaval, do nosso património em Évora.*

Agradecimentos

A todas as famílias portuguesas que têm vencido muitos obstáculos com o objectivo de recuperar o património e de abrir as suas casas ao público. Graças a elas é possível publicar livros como este, graças a elas é possível viajar de norte a sul por um Portugal esplendoroso. Cada uma dessas famílias honra a nossa história e por isso devemos estar gratos e reconhecidos!

Introdução

E quase impossível percorrer o país de norte a sul sem me deparar com um palácio ou uma casa senhorial que me deslumbra com a sua beleza, grandiosidade e que me faz sonhar com o passado e com a nossa História. Viajar por Portugal permite-me conhecer um património arquitetónico riquíssimo que não deixa ninguém indiferente. Não sou historiadora, nem especialista em património, mas vivo em Portugal e passeio pelo país com o sentido de observação apurado e as emoções à flor da pele e é para mim uma alegria usufruir de tudo aquilo que o passado nos deixou para memória futura.

Foi a cidade de Évora que me inspirou para escrever este livro. Desfrutar diariamente do lindíssimo centro histórico da capital alentejana a partir da minha janela no Palácio dos Duques de Cadaval, admirar um templo romano a qualquer hora do dia ou da noite, possuir uma destas casas que emocionam – na minha família há mais de 600 anos –, tudo isto alertou-me para o facto de que era mais do que um prazer, mas sim uma obrigação, falar sobre aqueles que para mim são os mais belos palácios e casas senhoriais de Portugal, escolhendo um conjunto de casas que são, uma a uma, um destino imperdível.

Confesso que não foi fácil escolher. Existem tantos e tão bonitos palácios em todo o país que era complicado fazer uma seleção. Optei por aqueles palácios e casas que são incontornáveis no património arquitetónico português, mas também por aqueles que me trazem memórias de infância, recordações de momentos vividos com a minha família ou com amigos, por aqueles que se encontram na minha família há várias gerações, ou por aqueles que, na minha perceção, considero destino obrigatório para quem vive ou passeia neste país, que conta com inúmeras casas que vale a pena conhecer e visitar.

Um dos meus objetivos com este livro é dar a conhecer o riquíssimo património arquitetónico português, tantas vezes esquecido. Se alguns destes palácios e casas ganharam uma nova vida ao serem transformados em hotéis ou museus, outros estão deixados ao abandono, apesar de terem tanto para contar. É com pena que vejo algumas destas casas abandonadas, quando sei que o seu passado foi riquíssimo, que por ali passaram várias gerações de ilustres donos que lhes conferiram uma história e uma alma que se está a perder. Falar destas casas é reavivar a sua história passada e chamar a atenção para elas, para que não se percam nas brumas da memória. Mas felizmente este livro não fala só de casas nesta situação. Para mim é uma emoção referir uma casa ou um palácio, cuja conservação é um exemplo de perseverança, bom gosto e respeito pela tradição.

A História, os detalhes e as histórias de cada uma destas casas estão contados de forma sintetizada de modo a informar e seduzir o leitor. Este é o formato escolhido, o que leva a que muito tenha ficado por dizer e por contar sobre cada uma destas «minhas» casas de eleição. Algumas delas mereciam um livro exclusivo, tal é seu património. Para cada palácio e casa fiz uma pesquisa exaustiva que me permitiu conhecer não só a sua arquitetura, mas também quem ali viveu e conferiu alma àqueles lugares, ou as lendas que os povoam. É impossível falar do Palácio Nacional da Ajuda e não falar da Rainha Maria Pia, que fez deste palácio a sua casa, o seu lar, e que ali deixou tantas memórias. Entrar neste palácio é também entrar na vida desta rainha que adotou Portugal como a sua pátria. O Palácio das Necessidades estará para sempre ligado à Família Real portu-

guesa, à morte de D. Pedro V e à partida de D. Manuel II, o último rei de Portugal, para o exílio e também à implantação da República. Ainda hoje está cravada no espelho de uma das salas uma bala disparada pelos republicanos durante a revolução. O palácio dos Duques de Bragança está marcado pela Restauração da Independência e por D. João IV e pela sua família. Já a Quinta da Regaleira representa um sonho tornado realidade e não deixa ninguém indiferente. Mas depois há joias escondidas que muitos de nós não conhecemos. Qual não foi a minha surpresa ao visitar o Paço de Calheiros, e descobrir uma casa lindíssima com uma vista que deixa qualquer um deslumbrado, ou voltar à Casa de Água de Peixes, no Alvito, que sempre pertenceu à Família Cadaval e que é um tesouro oculto na planície alentejana. Estes palácios e casas não se destacam apenas pela sua arquitetura imponente, mas também, muitas vezes, pela sua história, histórias com gente dentro, histórias de pessoas que construíram e deram alma a estes lugares mágicos.

Diana de Cadaval
Palácio Cadaval,
Évora, Março de 2015

Palácio da Brejoeira, Monção

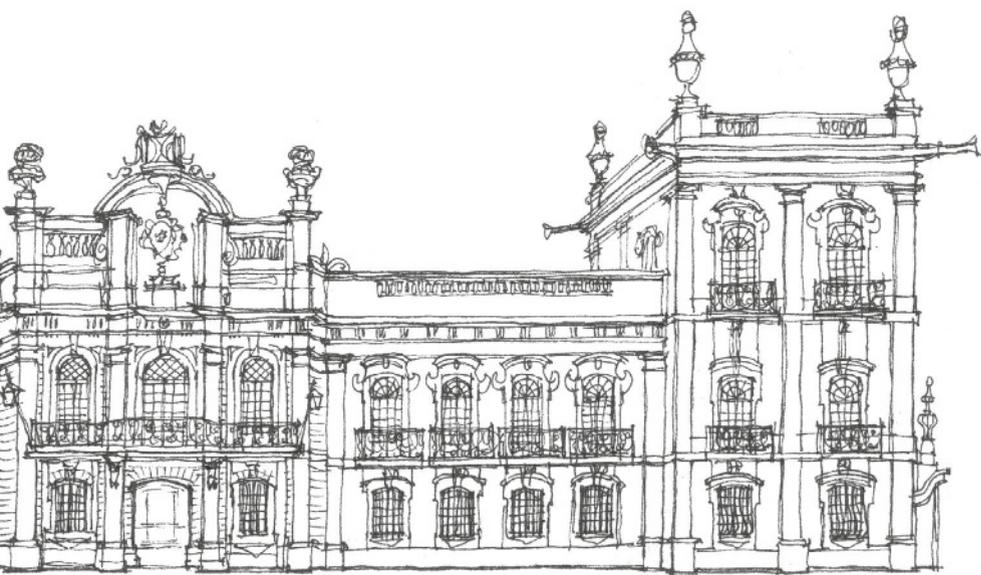
ESPLENDOR NO MINHO

*F*ico sempre emocionada quando atravesso os portões da Brejoeira. É cinematográfico! E, realmente, de cortar a respiração. A Brejoeira lembra-me a atmosfera de um sofisticado *château* francês, só que em Portugal! Adoro este palácio. Os jardins são maravilhosos, quer os de inspiração francesa, quer os mais «selvagens» e românticos seguindo o modelo inglês

Um dos meus espaços favoritos na Brejoeira é, sem dúvida, o teatro. É um sonho! No século XIX a cultura era vivida também dentro de portas, e entre a alta burguesia e a nobreza, faziam-se recitais, concertos, e encenavam-se pequenas peças. Ainda hoje este teatro transporta-nos para um mundo de fantasia e de *joie de vivre!*

Mas comecemos pelo início, atravessando as portas que dão para os jardins da Brejoeira. Um imponente portão barroco, talhado, com três andares e grades de ferro, dá acesso a um relvado central, ladeado por dois caminhos. Por trás, vislumbra-se a elegante fachada clássica do Palácio da Brejoeira, situado a sul de Monção. O nome vem de «brejo» como a planta silvestre, mas que pode também significar uma terra húmida.





F.L.

A construção deste majestoso palácio, a que se chamou «o último solar fidalgo português» todo equilíbrio, sumptuosidade e simetria, terá começado cerca de 1806, por iniciativa de Luís Pereira Velho de Moscoso. Em 1834 as obras estavam finalmente concluídas e o proprietário seria o herdeiro, Simão Pereira, segundo filho do fundador. A autoria do projeto é atribuída a Cruz Amarante, um conhecido arquiteto que assinou, na época, algumas das mais belas casas do Norte de Portugal.

Pela sua imponência e dimensão, mas também pelos seus pormenores únicos, no exterior e no interior, o Palácio da Brejoeira é uma autêntica joia concebida para ser admirada de várias perspectivas.

Obedecendo a uma planta em L, o palácio, revestido a granito, possui três torreões, o que faz pensar na hipótese de ter havido, com muita probabilidade, o projeto de um quarto torreão – para completar os cantos – que nunca terá sido construído.

No exterior, o palácio é sumptuoso: o grande relvado que dá as boas-vindas à propriedade, com sebes de buxo, frondosa topiária, e uma magnífica fonte central é apenas um exemplo da ordem e esmero colocados no desenho destes espaços. Mas nem todos os jardins obedecem a esta simetria e formalidade: existe também um jardim naturalista, ao estilo inglês. E também um jardim suspenso, para além dos pormenores maravilhosos: um pavilhão exótico, ao estilo dos quiosques orientais e um pombal, que tem a curiosa forma de uma torre cilíndrica, com ameias. O jardim, onde abundam as cameleiras, é uma sucessão de agradáveis surpresas, grutas, fontes e casas de fresco, atravessado por uma grande avenida que culmina no vinhedo e ordenado e dividido por vários muretes.

Mas no interior do palácio, outros encantos nos esperam, qual deles o mais surpreendente e inesperado. Por exemplo, o teatro, que já referi, e foi construído no início do século, em 1908, quando se fizeram obras de remodelação, e onde ainda hoje se podem representar peças.

Este teatro é maravilhoso, com cadeiras claras de madeira, uma cortina, e colunas esculpidas a cada lado do proscénio. Ao fundo da cena, uma pintura reproduz uma vista lateral do próprio palácio, numa espécie de efeito de espelho absolutamente encantador.

Mas existem outros motivos de maravilhamento: os azulejos da grande escadaria interior, elaborados também no início do século XIX, os frescos no teto do salão principal, representando anjos e querubins, a biblioteca, com teto de madeira e bonitas estantes, a sala de audiências, e a belíssima estufa de ferro e vidro, típica da época, no primeiro patamar da escada, atravessada por uma luz magnífica, e que hoje não contém plantas, mas um busto de D. Manuel II, último rei de Portugal. No palácio abundam retratos de monarcas portugueses, como D. José I, D. Maria I e D. João VI, dominando o grande salão e protegidos por um rico dossel.

Atualmente o Palácio da Brejoeira, considerado Monumento Nacional desde o ano de 1910, está aberto ao público. Este é, sem dúvida, um dos palácios que merece uma visita demorada e atenta para que possamos desfrutar de toda a beleza, elegância e requinte que este deslumbrante edifício nos oferece.

*Paço da Glória,
Arcos de Valdevez*

REVIVALISMO MEDIEVAL

Este é um dos meus paços preferidos no Minho pelo seu ambiente claramente medieval, transmitido de uma maneira fantástica e imponente. Quando chego a esta casa, imagino-me imediatamente no cenário de um filme medieval, com torneios, lanças e cavaleiros, armaduras e malhas e damas de longas tranças. Sente-se que é uma casa vivida e atual, mas ao mesmo ao cruzar as portas do Paço da Glória parece que entramos numa viagem no tempo. Começando pelo nome, que anuncia a glória que nos espera. É uma casa que respeitando a tradição de cada pedra, também soube adaptar-se ao mundo de hoje, com um piscina magnífica, com a casa como pano de fundo.

Idílico e esplendoroso, o Paço da Glória é um dos mais singulares solares minhotos. O palácio está localizado perto de Jolda, em Arcos de Valdevez, e a sua situação numa encosta sobre o vale traz-lhe uma aura especial.

As origens do paço remontam ao século XIII, altura em que, por ordem de D. Sancho II a terra foi doada a Martim Fernandes Vila-

rinho. Terá sido nessa altura que se construiu uma torre feudal, quadrangular, batizada como Torre de Novais, que se localizava no centro do palácio atual.

Apesar da sua inspiração claramente medieval, com duas torres coroadas por ameias e pináculos e unidas por um volume rectangular, o Paço da Glória foi construído no século XVIII, altura em que a região conhecia um novo impulso graças à aposta do Marquês de Pombal na exploração vitivinícola. Com fortes ecos medievais, da solidez e austeridade do granito, o Paço da Glória exprime, simultaneamente, várias características típicas do seu tempo, como as escadarias da entrada e sobretudo a galeria, com arcos de volta inteira, aberta sobre o jardim e de clara influência italiana.

Outro elemento notável, muito agradável e que denota esta abertura é o espetacular tanque em frente à casa, com pináculos barrocos em espiral.

A casa possui imensas particularidades: por exemplo, a capela, ao contrário do que acontecia na maioria dos solares da época, não está integrada na casa, é um edifício independente. E às vinhas, acede-se passando por um portal de belos arcos de volta perfeita.

A casa foi construída por Francisco de Araújo e Amorim, um nobre que tinha feito fortuna no Brasil, em 1730. A propriedade tinha sido doada à família em 1515, por D. Manuel I. Permaneceu na família até que, no início do século XX foi comprada pelo filho de um vizinho: um homem rico, feito Conde de Santa Eulália, que tinha talentos artísticos: era escultor e pintor.

Alguns anos mais tarde, este homem partiu para a América onde casou com uma viúva rica, a viúva de Stetson, o «rei dos chapéus», que terá visitado o Paço da Glória uma única vez, sem se render aos seus encantos. Em 1935, o paço foi adquirido pelo inglês Peter Pitt Mildward, que trabalhou durante anos para restaurar o esplendor e a glória originais do solar. E, em 1976, o Paço da Glória foi comprado pelo historiador Colin Clark, apaixonado da região, e que transformou a magnífica residência e propriedade agrícola numa pousada.

Paço de Calheiros, Ponte de Lima

MAJESTOSIDADE MINHOTA

 Paço de Calheiros, na belíssima vila de Ponte de Lima, pertence ao Conde de Calheiros, meu confrade da Ordem de Malta, uma pessoa superativa e dinâmica na preservação do nosso património histórico e arquitetónico. Acho deslumbrante esta casa perdida no meio das vinhas, rodeada de paisagens verdes, com o porte majestoso e o charme inconfundível do Minho. É o Minho na sua mais alta estirpe e em todo o seu esplendor!

Lopes Calheiros terá iniciado a construção deste magnífico e imponente palácio que parece pairar sobre o rio Lima e os vinhedos. Considerado um dos mais importantes solares minhotos, o palácio surge, deslumbrante, no meio da vegetação, chegando-se a ele depois de passar por um portão muito simples.

O paço é uma construção sólida, majestosa, de três pisos e fachada clássica, com um corpo central harmonioso, onde se encontra a capela, ladeado por duas torres, que, em cada vértice, ostentam pináculos coroados por esferas. O acesso à casa faz-se por uma escadaria grandiosa.

Os jardins do paço, classificados como jardins históricos, têm origem no século XVII e neles é possível encontrar diversas espécies

de árvores: camélias, laranjeiras, oliveiras, magnólias, entre outras. Os jardins são ainda povoados por muitas fontes e latadas de vinha.

O paço situa-se a uma curta distância do Caminho de Santiago, que passa pelas áreas urbanas de Barcelos, Ponte de Lima e Valença, daí ter sido ponto de paragem de muitos peregrinos.

Uma das mais representativas casas nobres de Ponte de Lima, este paço tem uma vista maravilhosa sobre a cidade de Ponte de Lima.

Hoje em dia tem uma vertente turística, albergando hóspedes que podem desfrutar de inúmeras atividades. Para além disso nesta quinta é produzido vinho verde e são organizados casamentos e outros eventos. Um paço que se soube adaptar à evolução dos tempos.